

**Referência:** GOMES, Christianne . O “ocio” como objeto de estudos: Notas introdutórias sobre conceitos e ocorrência histórica em nossa sociedade. *Cuadernos de ocio y sociedad*, v. 1, p. 23-40, 2007.

---

**O “OCIO” COMO OBJETO DE ESTUDOS:  
NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE CONCEITOS E OCORRÊNCIA HISTÓRICA  
EM NOSSA SOCIEDADE**

Christianne Luce Gomes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo discutir o *ocio* como um objeto de estudos que, pela sua natureza, é multidisciplinar. Para tanto, retoma duas questões polêmicas que dividem estudiosos do assunto: a discussão conceitual e a reflexão sobre a ocorrência histórica do *ocio* em nossa realidade histórico-social. As discussões são encaminhadas no sentido de propor um olhar mais ampliado sobre o *ocio*, tendo em vista compreender a essência deste fenômeno, valorizar o seu processo de constituição histórica em nosso contexto considerando as distintas perspectivas de análise. Além disso, pretende ressaltar a importância de intercâmbios e parcerias entre pesquisadores e instituições latinoamericanos preocupados com a sistematização de conhecimentos sobre este tema na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** *ocio*. Conceitos. História. Estudos. América Latina.

**Introdução: ocio como experiência da vida cotidiana e como objeto de estudos**

O que significa “ocio”? Uma pergunta tão abrangente possibilita várias interpretações e inúmeras respostas. O termo *ocio*, bem como os diversos sentidos atribuídos a ele, está presente na vida cotidiana, salientando-se, hoje, o uso da palavra nos anúncios dos meios de comunicação de massa, nas ações realizadas por órgãos públicos, nos conhecimentos transmitidos na escola, nas demandas apresentadas pelas comunidades, nos bens e serviços comercializados por empresas privadas e nas reivindicações estabelecidas por órgãos sindicais.

Os significados atribuídos ao *ocio* podem, em geral, nos remeter a expressões que indicam determinadas ações apreciadas por quem a vivencia (como dançar, praticar ou assistir a esportes, passear, viajar, ler, ir a festas, etc.). Porém, associar o *ocio* com as nossas experiências pessoais representa um entendimento limitado sobre a questão, uma vez que o restringe aos conteúdos de determinadas vivências. O *ocio* não pode ser compreendido somente pelo conteúdo da ação, ou seja, não é a atividade em si que o caracteriza. Uma mesma atividade pode significar *ocio* para uma pessoa e, para a outra, não (Marcellino, 1996).

Além disso, na realidade ocidental o *ocio* adquire conotações diversas, tais como descanso, folga, férias, repouso, desocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento. Verifica-se, portanto, a “polissemia” (característica dada a uma palavra que tem várias significações) do termo *ocio* na nossa sociedade atual, o que é um reflexo da sua presença na vida cotidiana — presença muitas vezes garantida pela televisão, que, em vários países, representa uma das opções mais vivenciadas pela população em geral. Essa constatação é preocupante porque, na maioria das vezes, o *ocio* é vivido e pensado conforme os valores hegemônicos, que acabam influenciando os saberes produzidos no nível do “senso comum”.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR – do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil. Coordenadora do Mestrado em Lazer (Multidisciplinar) e Editora da Revista Licere. E-mail: [chris@eef.ufmg.br](mailto:chris@eef.ufmg.br)

O senso comum é importante, tem o seu valor, pois é fruto de tudo aquilo que nós construímos mediante nossas crenças, valores, processos de socialização e tradições culturalmente constituídas. Mas, conceber o *ocio* seguindo apenas as referências do senso comum é um encaminhamento restrito porque nem sempre implica reflexão e análise criteriosa e crítica. Essa primeira verificação indica a necessidade de irmos além do “senso comum”, de refletirmos e sistematizarmos conhecimentos sobre o *ocio* em nosso contexto, transformando-o e reconhecendo-o como um *objeto de estudos* (Gomes, 2005).

Este desafio destaca a necessidade de discutir conceitos, características e fundamentos do *ocio*; pesquisar o seu percurso histórico, social, político, econômico e pedagógico em nossa sociedade ocidental, entre outros desdobramentos inerentes a qualquer campo de pesquisa. Dada a impossibilidade de discutir todas essas questões, este artigo propõe uma reflexão sobre concepções e ocorrência histórica do *ocio* em nossa realidade, aspectos importantes para a sistematização de conhecimentos multi e interdisciplinares sobre o tema na contemporaneidade.

### **Ocio: Uma reflexão conceitual**

No plano conceitual, observa-se que não há um consenso entre os estudiosos do *ocio*. Ainda hoje, o conceito formulado na década de 1960 por Dumazedier (1973) representa uma grande referência para o campo do *ocio* em diversos países. Segundo Camargo (1998), foi a partir das contribuições de Dumazedier que o *ocio* deixou de ser apenas uma idealização teórica e passou a ser tratado como um fato empiricamente delimitável e observável, instigando novas pesquisas sobre o tema.

Na opinião de Dumazedier (1973, p.34), o *ocio* pode ser compreendido como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Por entender o *ocio* como “um conjunto de ocupações”, esse conceito tem sofrido críticas de vários autores, especialmente no Brasil. Além de restringir o *ocio* à prática de determinadas atividades, supõe que o indivíduo deve estar *ocupado* com algo. Na época em que Dumazedier elaborou essa definição, o *ocio* era por ele caracterizado em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional. O *ocio* era definido, assim, em contraponto à liberação das obrigações institucionais, e não apenas do trabalho.

A partir dos resultados das pesquisas empíricas desenvolvidas na França nas décadas de 1950 e 1960, Dumazedier (1979) indicou um sistema com quatro características constituintes do *ocio*:

- (a) Característica hedonística: o *ocio* é marcado pela busca de um estado de satisfação: “isso me interessa”. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do *ocio*.
- (b) Característica de desinteresse: o *ocio* não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio-espiritual.

- (c) Característica pessoal: as funções do *ocio* (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade.
- (d) Característica liberatória: o *ocio* é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas) e resulta de uma livre escolha.

Com exceção do aspecto hedonístico, relacionado com a busca de satisfação – o que não garante, no entanto, a conquista e vivência plena de prazer e felicidade no *ocio* –, as demais características evocam indagações: Até que ponto este total “desinteresse” é possível? O *ocio* é um fenômeno neutro, isolado da dinâmica da nossa vida social? Ele se coloca sempre em função de necessidades individuais, em decorrência das obrigações da sociedade? O *ocio* só pode ser vivenciado com o término ou liberação das demais obrigações? Será que, por vivermos numa sociedade contraditória, ele não estabelece relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações que constituem a nossa vida cotidiana?

Dumazedier (1979) justifica sua opção por adotar a expressão “tempo livre”, que designa o tempo liberado do trabalho, e não necessariamente o tempo de *ocio*. O autor explica que o *ocio* não pode instaurar o reinado da liberdade absoluta, tampouco ser anulado sob o peso dos determinismos e condicionamentos sociais. Assim, a liberdade de escolha dentro do tempo de *ocio* poderia ser considerada como uma realidade, mesmo que fosse limitada e, em parte, ilusória. Esse entendimento influenciou as concepções de *ocio* formuladas por vários autores, dentre os quais estudiosos brasileiros, que vêm tentando repensar algumas lacunas presentes na importante produção de Dumazedier.

Gaelzer (1979) realizou um levantamento da bibliografia sobre o *ocio* existente em alguns países e chegou à conclusão de que a maioria dos autores admitia os conceitos de *ocio* como tempo, atitude (tendência mais recente na época) e também atividade (ocupação). Para a autora, esses três elementos são interdependentes, pois, separadamente, não preenchem as condições necessárias ao *ocio*.

Segundo Bramante (1998) a ludicidade, além de ser o eixo principal do *ocio*, é uma das poucas unanimidades entre os estudiosos que teorizam o tema. De acordo com a sua visão, o *ocio*

se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. (Bramante, 1998, p.9)

A vivência do *ocio* relaciona-se com as oportunidades de acesso aos bens culturais — determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômicos, e influenciados por fatores ambientais. Segundo o autor, o *ocio* é constituído por três elementos: tempo, espaço e atitude (Bramante, 1998).

Marcellino (1987) enfatiza que o *ocio* pode ser compreendido a partir da combinação dos aspectos tempo e atitude. A atitude diz respeito à relação estabelecida entre o sujeito e a experiência vivida, fruto de uma escolha pessoal e prazerosa. O tempo se refere ao tempo disponível, obtido pelo indivíduo, após se desvencilhar não apenas das obrigações profissionais, mas também das obrigações familiares, sociais e religiosas, ou seja, o tempo da não-obrigatoriedade. Nesse ponto, o autor se aproxima de Dumazedier e, seguindo a tendência

verificada na atualidade, Marcellino já considera também o elemento “espaço” enquanto um aspecto constituinte do *ocio*.

Um ponto marcante do pensamento de Marcellino (1987) relaciona-se com a crítica às chamadas “abordagens funcionalistas” do *ocio*. Essas visões, no seu entender, visam à manutenção do *status quo*, procurando ajustar o indivíduo de forma acrítica ao contexto em que vive, incentivando o consumismo em relação ao *ocio*. Somente com uma visão mais crítica e criativa — colocada como antítese da visão funcionalista — é que se pode lutar pela transformação da sociedade, tornando-a mais justa, humanizada e menos atrelada aos valores do mercado. Para o autor, o *ocio* é entendido:

[...] como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (Marcellino, 1987, p. 31.).

Embora algumas características do sistema elaborado por Dumazedier estejam presentes neste conceito, ao compreender o *ocio* como cultura, esta concepção supera o entendimento deste fenômeno como um simples “conjunto de ocupações”.

Prosseguindo nesta linha de reflexão conceitual, Alves (2003) ressalta a necessidade de ir além da compreensão de *ocio* como cultura, pois ambos não são sinônimos. Existem diferenças, e associar o *ocio* com a cultura ressalta a importância de também aprofundarmos conhecimentos sobre esta última, especialmente considerando a perspectiva antropológica.<sup>2</sup> *O ocio é uma das dimensões da cultura*, assim como o trabalho, a educação, a família, dentre outros.

Assim, nos dias atuais, a cultura institui uma expressiva possibilidade para se compreender o *ocio* em nossa realidade histórico-social. Pode-se afirmar que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas, e o *ocio* representa uma de suas dimensões: que inclui a fruição de diversas manifestações culturais (Werneck, 2000).

O *ocio* é constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual se desenvolve e implica “produção” de cultura — no sentido da reprodução, construção e transformação de diversos conteúdos culturais usufruídos por parte de pessoas, grupos e instituições. Essas ações são construídas em um tempo/espaço de produção humana; dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade, e nos permitem ressignificar, continuamente, a cultura.

O *ocio* compreende, desta maneira, a vivência de inúmeras manifestações da cultura, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as diversas formas de artes (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, a contemplação e o descanso como opções, uma vez que estas e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de *ocio* (Gomes, 2003).

Dessa maneira, o *ocio* pode ser compreendido como uma dimensão da cultura construída socialmente a partir de quatro elementos inter-relacionados:

- Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o *ocio* (final de semana, férias, etc.);

---

<sup>2</sup> Para aprofundar conhecimentos sobre a cultura podem ser consultados os estudos de Alves (2003, 2004), pois a autora faz um levantamento da produção de estudiosos e pesquisadores da antropologia.

- Espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o *ocio*;
- Manifestações culturais, que são as atividades ou conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;
- Ações, que são atitudes fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade.

O diferencial do *ocio* perante outras práticas sociais e culturais em nossa sociedade é o fato de que os elementos que o caracterizam — tempo, espaço-lugar, ações/atitude e manifestações culturais — são enraizados no lúdico e, mesmo passíveis de pressão e interferência do contexto, não adquirem o caráter de obrigação e não são vistos como um conjunto de tarefas a serem cumpridas. Esses elementos expressam um exercício coletivamente construído no qual os sujeitos se envolvem porque assim desejam (Gomes, 2004).

Tomando esses quatro elementos como referência, observa-se que o *ocio* se inscreve no seio das relações estabelecidas com as diversas dimensões da nossa vida cultural (o trabalho, a economia, a política e a educação, entre outras), sendo institucionalizado na atualidade como um campo dotado de características próprias. Mas o *ocio* não é um fenômeno isolado, pois está em franco diálogo com o contexto. Por um lado, o *ocio* pode contribuir com o mascaramento das contradições sociais, mas, por outro, pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio.

Em síntese, minha concepção de *ocio* é pautada no entendimento deste:

[...] como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (Gomes, 2004, p. 125).

A partir das reflexões aqui desenvolvidas, observa-se que ao longo dos anos várias foram e são as concepções de *ocio* apresentadas neste campo de estudo, e cada uma delas indica a perspectiva de análise construída pelos autores. O assunto não se esgota com essas discussões preliminares, que necessitam de outras discussões e aprofundamentos, incluindo também a problematização sobre a ocorrência histórica do *ocio* no contexto ocidental.

### **Ocorrência histórica do *ocio* no Ocidente**

Após refletirmos sobre algumas concepções de *ocio*, é importante discutir as distintas abordagens que tratam da ocorrência histórica desse fenômeno em nossa sociedade. Árdua tarefa, pois, situar o *ocio* historicamente é um trabalho controverso no meio acadêmico.

#### ***O ocio sempre existiu?***

Para alguns estudiosos, o *ocio* sempre esteve presente na nossa história. Adeptos dessa corrente explicam que se o homem sempre trabalhou também deveria dispor de momentos de “não trabalho” dedicados ao seu repouso e divertimento. Como esses momentos não eram vistos como frações isoladas na dinâmica social, acredita-se que trabalho e *ocio* se entrelaçavam. Por essa razão, acreditam que o surgimento do *ocio* antecede a era moderna, apresentando-se de maneiras distintas ao longo dos tempos (Gomes, 2005).

De acordo com Medeiros (1975), o *ocio* “corresponde a uma das necessidades básicas do ser humano” (p.1), não sendo, portanto, preocupação característica das sociedades industriais. A autora parte da literatura para indicar o que alguns poetas vinham dizendo, ao longo dos tempos, sobre o *ocio* e sobre algumas atividades recreativas tradicionais, como jogos, danças campestres, banquetes, músicas, pescarias, contos de poesia, folguedos populares, bailes e festas, feiras e romarias.

Para De Grazia (1966), falar das origens do *ocio* significa retornarmos às idéias constituídas na antiga Grécia, notadamente marcada pela vida social dos filósofos, cujo esplendor ocorreu por volta do século V a.C.

Outro autor que pode ser citado é Munné (1980), também partidário da tendência de que a ocorrência do *ocio* antecede a Modernidade e situa-se na Antigüidade. O *ocio* é um modo típico de nos comportarmos no tempo, o qual se estrutura em quatro áreas de atividade: a) tempo psicobiológico, destinado a necessidades fisiológicas e psíquicas; b) tempo socioeconômico, fundamentalmente relativo ao trabalho; c) tempo sociocultural, em que nos dedicamos à vida em sociedade, e d) tempo de *ocio*, destinado a atividades de desfrute pessoal e coletivo (Munné; Codina, 2002).

Considerando o contexto da Roma antiga, Munné (1980) observa que Cícero verificou ser o *ocio* (do latim *otium*) estratificado socialmente: estava associado, no caso das elites intelectuais, com a meditação. Era o *otium* com dignidade. Essa qualidade não se tratava de uma virtude de respeitabilidade, mas de um ideal aristocrático de glória, pois era possível adquirir dignidade, aumentá-la e perdê-la. Porém, no que concerne às pessoas comuns, *otium* significava descanso e divertimento proporcionados pelos grandes espetáculos. Essa estratégia tinha como finalidade “despolitizar” o povo, reduzido à condição de mero espectador.

Com isso, no contexto romano o sentido que prevalece é o de diversão, e não de desocupação, como entre os gregos, sofrendo modificações em termos de seus sentidos e significados com o passar dos séculos e das realidades nas quais era vivenciado.

Como ressaltado anteriormente, muitos autores questionam as considerações sobre o *ocio* antes do estabelecimento das modernas sociedades urbano-industriais.

### ***O ocio é um fenômeno moderno?***

Para os adeptos desta interpretação, no contexto “pré-industrial” o *ocio* ainda não constituía um fenômeno com características próprias. Representantes dessa tendência consideram que o *ocio* surge em conformidade com o sistema capitalista nos centros urbanos industrializados, pensamento defendido principalmente por Dumazedier (1979). O autor salienta que nas sociedades do período arcaico, trabalho e jogo, embora diferentes, possuem significações de mesma natureza na vida da comunidade. Como trabalho e jogo se mesclam e apresentam oposição mínima (ou inexistente), o autor considera o *ocio* um conceito inadequado para o período arcaico.

Dumazedier não acredita que a *ociosidade* dos filósofos da antiga Grécia ou da aristocracia medieval possa ser chamada de *ocio*. Para ele, esses privilegiados, cultos ou não, sustentavam sua *ociosidade* com o trabalho alheio. Tal *ociosidade* não se define em relação ao trabalho, não o complementa nem o compensa, apenas o substitui. Para ele, o *ocio* pressupõe o trabalho.

O autor reconhece que o tempo fora do trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho, mas defende com veemência a idéia de que o *ocio* possui traços específicos, característicos da civilização nascida da Revolução Industrial. Para Dumazedier (1979, p.28) o *ocio* surgiu nas sociedades industriais avançadas, capitalistas ou socialistas, correspondendo “a uma liberação periódica no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho”.

Os argumentos elaborados por Dumazedier também são alvo de questionamentos. Um estudo cuidadoso da obra de Medeiros (1975) indica que a autora se empenha para mostrar que o *ocio* sempre existiu, refutando, assim, a tese oponente. Esse texto fundamentou

sua palestra na ocasião do II Seminário sobre *ocio*, e foi inaugurado com as seguintes indagações:

Será o lazer [ócio], como querem alguns, preocupação característica da sociedade industrial, que a ele recorre para contrabalançar a mecanização, a rotina e a impessoalidade da linha de fabricação em série? Ou corresponde a uma das necessidades básicas do ser humano, apenas mais aguçada nos nossos dias pelo ritmo veloz, tensões e insegurança do mundo moderno? (Medeiros, 1975, p.1).

Considerando as provocações apontadas anteriormente, ao longo do texto, a autora transcreve trechos de poesias para argumentar sua opinião.

Munné (1980), ponderando sobre os argumentos de Dumazedier, considera equivocada a conclusão de que o *ocio* seja um produto da civilização moderna. De acordo com o seu ponto de vista, Dumazedier reduz, por definição, qualquer possível manifestação histórica do *ocio* à mera desocupação ou *ociosidade*, o que não procede.

Os argumentos elaborados por Dumazedier, especialmente no que diz respeito à consideração do *ocio* como típico da civilização industrial, revelam seu esforço por conferir à chamada “Sociologia do *ocio*” o estatuto de ciência (Gomes, 2004). Esse aspecto, geralmente negligenciado pelos autores da área, mostra que o autor precisava defender esse pressuposto para que o *ocio* constituísse uma parte especializada da teoria sociológica. Reconhecer a coerência e o mérito do arcabouço teórico formulado por Dumazedier não significa que tenhamos que acatar todas as suas idéias. As evidências revelam que o *ocio* não é um fenômeno observável apenas nas civilizações industriais avançadas.<sup>3</sup>

Evidentemente, a era Moderna foi fundamental para que o *ocio* se estabelecesse como um fenômeno autônomo, normativo e organizado, configurando-se *na forma como o conhecemos hoje*. Este período também foi palco para o estabelecimento de importantes reivindicações operárias, o que ressalta o valor desse movimento histórico e social para o *ocio*.

***O ocio pode ser compreendido a partir de diversos pontos de vistas, por isso é importante compreender o seu processo de constituição histórica em nosso contexto.***

É duvidoso definir, com exatidão, o momento histórico em que o *ocio* “surge” em nossa sociedade. Há, no entanto, um movimento contextual que revela o seu processo de constituição histórica em nosso meio. A busca pela compreensão do passado é sempre uma tarefa restrita, mutilada e hermética. Nesta direção, ressalta-se um instigante exercício: Percorrer obras de época em busca de elementos que auxiliem a compreensão do processo de constituição histórica do *ocio*, pois, um determinado entendimento pode transformar-se e evoluir-se ao longo dos tempos.

Em meados do século XVIII, a famosa *Enciclopédia* (1751) idealizada pela burguesia “iluminada” pontuou o francês *loisir* como um tempo vago deixado pelas nossas obrigações, do qual poderíamos dispor de maneira “agradável, honesta e virtuosa”, caso nossa educação tivesse sido “adequada”. A obra salienta que as atividades livres (*loisirs*) eram a parte da vida que mais nos honrariam, e da qual nos recordaríamos com o maior consolo ao chegar o momento de abandonar a vida. Desta forma, a *Enciclopédia* salientava que as boas ações que compunham o *ocio* “apropriado” eram realizadas por gosto e com sensibilidade seriam determinantes para o “nosso próprio benefício” (Munné, 1980).

A publicação da *Enciclopédia* é anterior à invenção da máquina a vapor e, na obra, há emissão de juízos de valor sobre o *ocio*. Embora a Revolução Industrial tenha sido um processo, ela ainda não estava em curso na França neste período. Assim, as evidências

---

<sup>3</sup> Para aprofundar conhecimentos sobre essa questão, verificar o verbete Lazer: Ocorrência histórica. In: Gomes (2004).

indicam que o *ocio* não pode ser tratado como um fenômeno observável *apenas* nas civilizações industriais avançadas.

Ao mesmo tempo em que há diferenças marcantes entre o passado e o presente, também há correlações importantes a serem avaliadas. Conhecer e considerar as peculiaridades de outras realidades que compõem a nossa história pode fornecer subsídios para apreendermos o processo de constituição do *ocio*, que sem dúvida foi passível de drásticas transformações nas modernas sociedades urbano-industriais. Assim, é fundamental reconhecer o valor das contribuições dos autores que focalizam o *ocio* a partir deste contexto.

A vivência das manifestações e tradições culturais da humanidade também pode nos auxiliar a compreender os significados comumente atribuídos ao *ocio*. Mesmo que algumas idéias tenham que ser repensadas e revistas, esse é um lado da questão que ressalta a importância das pesquisas dos autores que afirmam não ser o *ocio* um fenômeno recente. Tal suposição nos convida a recuar na nossa história, com o intuito de investigarmos e compreendermos alguns dos princípios que influenciaram a constituição do *ocio*.

Em síntese, as contribuições dos partidários das duas correntes de pensamento que divergem no que diz respeito à ocorrência histórica do *ocio* podem e devem ser consideradas, pois são imprescindíveis para o estabelecimento de novas reflexões.

Considerando que a sistematização de conhecimentos sobre o *ocio* é relativamente recente em nosso contexto, a seguir será feita uma explanação sobre essa questão tomando, como referência de análise, especialmente a transição da sociedade moderna para a contemporânea. Isso será feito com o intuito de compreender a partir de quais preocupações foi necessário realizar estudos sistematizados sobre o *ocio*.

### **O *ocio* como um “problema social” e a sistematização de estudos sobre o tema**

Ao focalizar os estudos sistematizados sobre o *ocio*, é importante considerar suas relações com o contexto, ressaltando-se as transformações geradas desde o final do século XIX em alguns países como os Estados Unidos, Inglaterra e França, onde foram processadas mudanças que atingiram, posteriormente, vários países do mundo ocidental. Naquela época, o *ocio* era entendido como um tempo disponível após as ocupações. Segundo Dumazedier (1973), essa definição foi reproduzida, durante muitos anos, por vários autores. O autor observa que foi apenas em 1930 que o *Dictionnaire*, de autoria de Claude Augé, adicionou um novo significado ao verbete. O *ocio* passa a ser concebido como distrações, ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade. Essa entrega, contudo, não deveria ocorrer em qualquer momento: somente durante o tempo não ocupado pelo “trabalho comum”.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o binômio *ocio*/trabalho se tornou mais evidente, nas sociedades urbano-industriais, para um determinado segmento social: os trabalhadores assalariados. Nessa época o proletariado lutava por melhores condições de vida, exigindo uma contínua redução da jornada de trabalho — que chegava a atingir o patamar de 16 horas por dia — e, conseqüentemente, a ampliação do seu “tempo livre”.

Foi esse contexto, notadamente marcado por acirradas lutas sociais, que impulsionou o desenvolvimento de estudos sistematizados sobre o *ocio*. As pesquisas sobre o tema estavam atreladas à necessidade de se conhecer e promover o controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados.

Assim, em vários países ocidentais, foi nas primeiras décadas do século XX que se ampliou o debate sobre a criação de mecanismos de regulamentação e redução da jornada de trabalho. Essa querela deixou políticos e empresários preocupados com os “usos” que os trabalhadores poderiam fazer do seu tempo livre, estimulando a realização de pesquisas sobre



o tema. Era grande o receio de que a redução da jornada de trabalho, atrelada ao inevitável aumento do tempo livre, deixasse os trabalhadores vulneráveis a inúmeras práticas consideradas nocivas à sociedade, tais como jogos de azar, alcoolismo, fumo, prostituição (Gomes, 2003).

Nesse âmbito, o *ocio* configura-se como um “problema social”, sendo urgente incentivar o operariado a desenvolver práticas recreativas “sadias e lícitas”. A ginástica e os esportes, entre outras possibilidades “saudáveis e educativas”, foram proporcionadas pelo Estado no decorrer do século XX com o objetivo de preencher as horas de *ocio* das camadas populares, alternativa viável para a preservação de sua capacidade produtiva.

Entretanto, a década de 1970 pode ser considerada um marco inicial para a organização do *ocio* como um campo de estudos e de intervenções, aglutinando muitos dos empreendimentos isolados até então desenvolvidos no Brasil e em outros países da América Latina. Em vez de ser visto como um tema estudado por iniciativas particulares, o *ocio* passou a ser visualizado como uma área capaz de impulsionar pesquisas, projetos e ações multidisciplinares, coletivos e institucionais.

Ao participar como conferencista do *I Encontro Nacional sobre ocio* (realizado no Rio de Janeiro em 1975), Dumazedier esclareceu que sua primeira viagem ao Brasil foi realizada no início de 1960. Naquela época o autor não percebeu uma preocupação com o estudo do *ocio*, porém, pouco depois se surpreendeu ao verificar o acentuado interesse pelo tema neste país, indagando:

[...] por que será que o problema do lazer [ócio] não é nem mesmo cogitado em determinado período, em tal ou qual país? E, ainda, por que é posto de lado como uma questão secundária, uma questão que faz perder tempo, uma questão ambígua? E, por que, em outros momentos, o mesmo problema é bem-aceito como tal? Foi o que se deu no Brasil antes e depois de 1970, e o que eu havia observado anteriormente nos Estados Unidos. (Dumazedier, 1975, p.44).

Uma das respostas à indagação de Dumazedier relaciona-se com o fato de a década de 1970 representar um marco importante para os processos de industrialização e urbanização no contexto brasileiro que, intensificados neste período de ditadura militar (1964-1985), demandou a constituição de cidadãos “pacíficos” e trabalhadores comprometidos com o engrandecimento da Pátria, evitando assim questionamentos acerca do sistema de repressão vigente. Daí a necessidade de controlar não somente os períodos de trabalho, mas também os momentos de *ocio*, tendo em vista promover o “uso bom” e o saudável emprego do tempo livre, como ressaltado anteriormente.

Desde então, cada vez mais instituições públicas, privadas ou ligadas ao terceiro setor vêm desenvolvendo projetos e ações sobre o *ocio*, procurando nos dias de hoje questionar essa intenção de controle social que pode estar dissimulada nas vivências lúdicas. Atualmente, várias instituições (principalmente universidades) constituem centros de estudos e pesquisas; são realizados eventos científicos sobre o *ocio*; formados profissionais em nível de pós-graduação *lato e stricto sensu*; publicados artigos e livros, defendidas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em vários Programas de Pós-graduação. É importante destacar algumas iniciativas preocupadas em estreitar os vínculos e promover intercâmbios entre instituições e pesquisadores de vários países, como Colômbia, Brasil, Argentina e Uruguay, entre outros.

É necessário salientar que, nessas parcerias, existem algumas dificuldades decorrentes da questão do idioma, pois o Brasil – que, assim como alguns países vizinhos, possui uma expressiva produção de conhecimentos teórico-práticos sobre o *ocio* e temas correlatos – é o único país de língua portuguesa da América do Sul. Enquanto os países de

língua espanhola utilizam os termos *ocio* y/ou *recreación*, no Brasil a produção sistematizada de conhecimentos refere-se ao termo “lazer” – vocábulo inexistente em espanhol.

Essa e outras diferenças, aparentemente simples, já geraram muitos problemas de compreensão e de diálogo. Porém, ao invés de serem vistas como entraves a uma aproximação das produções científicas dos países latinoamericanos, hoje essas diferenças vêm estimulando a troca de idéias e experiências entre profissionais e pesquisadores, e acredita-se que nos próximos anos já será possível observar os frutos dessas parcerias.

Afinal, em comparação com outras realidades, nosso continente possui considerável produção sobre o *ocio*, alguns de enfoque multi ou interdisciplinar. Mas, infelizmente, a modesta participação de pesquisadores latinoamericanos em ações de âmbito internacional impede a difusão e a socialização dos conhecimentos produzidos sobre o tema, ficando limitado o nosso acesso aos saberes e envolvimento nas discussões em voga em outros países do mundo. O *IX World Leisure Congress*, realizado na China em outubro de 2006, por exemplo, contou com a participação de apenas três latinoamericanos – dois pesquisadores brasileiros e um mexicano – em um universo de quase três mil inscritos no evento (segundo dados divulgados pelos organizadores). A próxima edição deste congresso será realizada em Québec, no Canadá, em outubro de 2008, e será uma grande conquista se os pesquisadores latinoamericanos conseguirem estreitar vínculos e compor uma delegação para integrar este fórum de debates, marcando assim a entrada coletiva e a propagação, no cenário internacional, dos estudos sobre o *ocio* na América Latina.

### **Considerações finais**

Ao empreender reflexões sobre o *ocio* do ponto de vista conceitual e discutir sua ocorrência histórica em nosso contexto, a preocupação deste artigo foi apresentar elementos que pudessem estimular o diálogo entre estudantes, profissionais e pesquisadores latinoamericanos interessados na sistematização de conhecimentos sobre este tema.

A discussão sobre o assunto não se esgota com essas ponderações iniciais, que sublinham a necessidade de entender o *ocio* em sua complexidade histórica, social, política, cultural e semântica, explicitando suas condições de realização em nosso meio. Fica, assim, o convite para o desenvolvimento de outras reflexões e pesquisas sobre o *ocio* na América Latina.

### **Referências**

- ALVES, Vânia F. N. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 83-114.
- ALVES, Vânia F. N. Verbete cultura. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BOLETIM DE INTERCÂMBIO. Departamento Nacional do SESC. Rio de Janeiro, n. 20, dez. 1974. 198 p.
- BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. *Licere*. Belo Horizonte, v.1, n. 1. p. 9-17, set. 1998.
- CAMARGO, Luiz Octávio L. *Educação para o ocio*. São Paulo: Moderna, 1998.
- DE GRAZIA, Sebastian. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer nas sociedades em desenvolvimento*. ENCONTRO NACIONAL SOBRE *ocio*, 1, 1975. *Anais...* Rio de Janeiro, 1975. p.42-49.
- GAEZLER, Lenea. *Lazer: bênção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina, 1979.
- GOMES, Christianne L. *Lazer e trabalho*. Brasília: SESI/DN, 2005.
- GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GOMES, Christianne L. *Significados de recreação e ocio no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- LANFANT, M.F. *Les théories du loisir*. Paris: PUF, 1972.
- MARCELLINO, Nelson C. *Introdução aos estudos do Lazer*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- MEDEIROS, Ethel B. *Lazer: necessidade ou novidade?* Rio de Janeiro: Sesc, 1975.
- MELO, Victor A. *Relações entre recreação/lazer e Educação Física: Notas históricas*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10, 1997. *Anais...* Goiânia, 1997.
- MELO, Victor A.; ALVES Jr., Edmundo D. *Introdução ao Lazer*. São Paulo: Manole, 2003.
- MUNNÉ, Frederic. *Psicossociología del tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Trillas, 1980.
- MUNNÉ, Frederic; CODINA, Núria. *ocio y tiempo libre: Consideraciones desde una perspectiva psicosocial*. *Licere*. Belo Horizonte, v. 5, n. 1. p. 59-72, set. 2002.
- WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/CELAR, 2000.